

Vicente Belliní

Ninguém ignora que gênio significa talento, disposição natural e extraordinária para determinada coisa.

E' muito comum a pergunta que a cada momento se faz, isto é, se o gênio é um dom que nasce com o indivíduo, ou se ele é fruto de estudo sistematizado e contínuo.

Há criaturas chamadas privilegiadas porque possuem, desde criança, inteligência muito apurada e acentuada aptidão para certa arte, ciência, etc. E há também as que se tornam notáveis à custa de insistentes estudos e de exaustivos esforços.

Privilégio, na conceituação dos competentes, diz Tobias Barreto, «é alguma coisa de excepcional em relação à regra comum do Direito, e essa alguma coisa de excepcional ou tem por fim trazer como resultado uma vantagem, que é o que os juristas ou romanistas chamavam - beneficia legis - benefícios da lei, leis benéficas, ou é o que estes mesmos juristas chamam, e ainda hoje se conserva a denominação da doutrina - privilegia odiosa -, em todo o caso, o privilégio tem por fim fazer alguém, individual ou coletivamente considerado, gozar de certos benefícios, com preterição dos outros».

Mas precisamos ressaltar que Deus não concede privilégios a nenhuma de suas criaturas. Esses tais pseudo privilegiados o são por força de seu trabalho por meio de vidas sucessivas. De maneira que as pessoas de fulgurante inteligência, de pendores artísticos, etc, são Espíritos já trabalhados e que, ao voltarem à Terra, trazem sempre uma missão a cumprir e um progresso a alcançar.

Deus, Pai amoroso que é, envia constantemente, a seus filhos encarnados, Espíritos mais evolvidos, especializados em determinados conhecimentos, a fim de darem maior impulso às artes, ciências, enfim, a todos os conhecimentos humanos. São irmãos detentores de mais dilatada sabedoria, com a qual auxiliam o nosso progresso.

Eles, porém, são forçados, como qualquer outro, a exercitar os órgãos materiais, por meio dos quais terão de transmitir, mais tarde, os seus conhecimentos. Os musicistas e cantores, por exemplo, carecem familiarizarem-se com os instrumentos musicais, com a grafia das músicas, no adestramento dos dedos no tocante ao seu mecanismo ou no educar as suas cordas vocais, etc.

E' claro que o aprendizado desses chamados privilegiados se processa sem qualquer dificuldade, enquanto que o dos outros, que ainda não fizeram cursos superiores e especializados em vidas passadas, experimentarão, forçosamente, mais dificuldades. Amanhã, sem dúvida, serão eles também, perante o mundo, Espíritos privilegiados, mas, como dissemos, privilegiados no sentido de aquisição feita pelo seu esforço próprio.

Porque, segundo nos esclarecem os irmãos maiores da Espiritualidade: «o gênio constitui a sùmula dos mais longos esforços em múltiplas existências de abnegação e de trabalho, na conquista dos valores espirituais».

Vicente Bellini foi um desses Espíritos privilegiados, porque as delicadas, as suaves e enternecedoras melodias viviam dentro dele. Sua linguagem musical é espontânea, encantadora, cheia de amor. Tanto assim que o talentoso Léon Escudier dizia que Deus colocara uma lira no coração de Bellini, e que ele, portanto, nada mais tinha a fazer senão deixar que o coração, com suas batidas, emitisse os mais comovedores acordes. Sua verdadeira vocação foi para a música dramática. Desbravou o caminho por onde, mais tarde, transitaria gloriosamente Giuseppe Verdi.

Bellini, ao escrever suas músicas, deixava livre o coração para transmitir os gorjeios sem os entraves da pragmática ortodoxa. Seu Espírito se insurgia contra a disciplina dos ensinamentos clássicos. Jamais sacrificava a inspiração. Transmítia-a integralmente e, por isso, foi um harmonista defeituoso e compositor descuidado. Todavia, compensou todos esses senões com a penetrante, sensibilidade que perfuma suas melodias.

Era tal como Guerra Junqueiro que jamais prejudicava a musicabilidade de seu estro, para obedecer cegamente às regras da metrificação.

Aos doze anos Bellini já integrava o corpo musical da Igreja de sua cidade natal, aos quinze lecionava música e executava, com agrado geral, as que ele mesmo compunha. Quando contava 25 anos de idade, levou à cena no Teatro S. Carlos, de Nápoles, alcançando grande êxito, a sua ópera «Bianca e Fernando».

O extraordinário compositor alemão Wagner disse que «Norma», e que podemos classificar como obra-prima de Bellini, era «o trabalho de um gênio».

George Favre disse ser Bellini «um músico bastante superficial, dotado, porém, de inspiração melódica pura e ampla». Não fôsse ele médium de inspiração, além de Espírito possuidor de cultura musical, obtida em existências outras!

Foi um espírito superior, todas as suas páginas musicais falam ao coração, sem externar, por meio delas, tonalidades reveladoras de sentimentos impuros. Foi, por excelência, o médium que, pela música, nos deu a conhecer a linguagem sonora e amena dos Espíritos superiores.

Suas produções foram sempre recebidas com aplausos gerais, jamais experimentou reveses em sua carreira artística. Não obstante isso, foi simples, humilde, nunca se considerou maior que os outros e nem invejou os triunfos de seus colegas, de tão jovem, deixou-nos majestosa coleção de óperas que ainda deleitam nossos ouvidos e enternecem nossas almas.

Fonte: Grandes vultos da humanidade e o espiritismo.